



## AVALIAÇÃO CURRICULAR, ESTÁGIO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**Maria do Socorro Lucena Lima**

Universidade Estadual do Ceará – socorro\_lucena@uol.com.br

**Patrícia Helena Carvalho Holanda**

Universidade Federal do Ceará – patriciaholanda2003@yahoo.com.br

**Ana Lourdes Lucena de Sousa**

Universidade Estadual Vale do Acaraú – anafortal@hotmail.com

### Introdução

Este trabalho parte do princípio que considera a avaliação curricular como eixo que contribui para a clarificação e delimitação dos contornos da avaliação tanto no âmbito educacional, quanto no âmbito daquelas disciplinas que se voltam para os fenômenos educativos, inclusive as disciplinas das áreas específicas do conhecimento (Rodrigues, 1993). O posicionamento do autor supracitado situa a avaliação curricular nos domínios da ação e da investigação educativa, sobre a qual assume o papel de promover a reflexão sobre complexidade e extensão.

Na tentativa de vivenciar a relação teoria e prática nos cursos de formação de professores para atuarem nas áreas específicas do conhecimento, consideramos importante a utilização da disciplina Prática Profissional/Estágio Supervisionado para o estudo da construção da identidade profissional no decorrer da formação docente. A experiência de adotar a entrevista como recurso metodológico nos permite alcançar dois aspectos pedagógicos da avaliação curricular: o primeiro a avaliação como domínio da ciência da educação e o segundo relacionado com o Programa, ou como Plano de Estudos, uma vez que compreende não só os objetivos a se atingir, mas as necessidades educativas, métodos e meios do processo ensi-

no-aprendizagem, incluindo o processo de avaliação dos alunos (Rodrigues 1993:18).

Este texto fará um percurso teórico e prático, no qual apresentaremos estudos sobre avaliação curricular e identidade profissional docente, objetivando refletir sobre a formação dos professores no âmbito do Estágio Supervisionado. Tais estudos servirão de base para a compreensão das falas dos professores entrevistados pelos alunos dos cursos de licenciatura.

### Sobre avaliação curricular

O conceito de currículo aglutina “todas” as experiências (ou aprendizagens) do aluno, intencionalizadas e reconduzidas pela escola. Compreende também o *currículo oculto*, o qual não é explicitado expressamente nos planos e documentos curriculares, em virtude de apresentar características imprevisíveis, inesperadas e não conscientes. Assim, o conceito de currículo abrange uma realidade extremamente rica, diversificada e também complexa dos fenômenos educativos.

Rodrigues (1993) mostra que avaliar significa por em relação um determinado objeto com um outro referente, ou seja, avaliar é confrontar “dados de fato” com o almejado, o ideal, o esperado. A avaliação engloba ainda elementos tais como: **o controle**, como tomada de verificação, ou medida de discrepância entre planificação, realização, aplicação, objetivos e resultados; **a medida**, ou seja, a *atribuição de números a coisas segundo regras determinadas*. (p. 29); e **a investigação**, que pode ser colocada a serviço da avaliação, visando à explicação dos resultados observados, tanto num aluno, quanto na instituição como num todo. Vale ressaltar que, segundo o autor, a investigação sobre a avaliação deve englobar todos os seus componentes.

Quanto ao debate metodológico na avaliação curricular Rodrigues (1993) faz uma reflexão, segundo a qual o paradigma de investigação deve adequar-se à natureza da realidade



educativa e dessa forma esse fenômeno tem se confrontado com as abordagens do tipo experimental. Dentre elas destacamos:

a) a abordagem **empírico-racionalista**:

Esta perspectiva, que encerra o todo como igual à soma das partes e procede por análise, simplificação e redução, supõe ainda, conseqüentemente, que essas várias e respectivas associações são isoláveis do contexto (...) e do investigador (...) o que implica, igualmente, a suposição da estabilidade dessas relações e a sua independência ou isolabilidade da actividade volitiva dos sujeitos em geral. (Rodrigues 1993, p. 36).

b) abordagem **normativo-naturalista**:

A abordagem normativo-naturalista não é holista e ideográfica (apenas) pelo reconhecimento da existência de múltiplas (e, muitas vezes desconhecidas) variáveis em interação em cada contexto; a sua característica distintiva assenta na suposição do caráter coerente e organizado dos fenômenos sociais (...). (Rodrigues, 1993, p. 39)

Para o citado autor os critérios de credibilidade da investigação devem ter os *princípios*: o valor da verdade, a aplicabilidade, a consistência, a neutralidade e o debate ético-político na avaliação curricular.

### **Identidade docente: uma constante construção**

Na literatura de formação de professores, vamos encontrar as singularidades da profissão docente descritas sobre diferentes perspectivas no intuito de definir a identidade do profissional de educação, como nos falam Codo e Gazzotti (1999, p. 76). Estudando o educador em suas relações com o seu trabalho, anotam esses autores que esse tipo de atitude

*exige competência profissional e estabelecimento de vínculo afetivo-emocional típico de situações sociais que dizem respeito à vida privada das pessoas.*

Ao abordar os fundamentos que devem subsidiar a análise da profissão docente, Antônio Nóvoa (1995) faz um resgate histórico da sua profissionalização, buscando compreender o presente da profissão, uma vez que, para o autor, os professores estão numa encruzilhada, pois vivemos em tempos que exigem uma constante (re) construção de identidade. Afirma ainda que a assimilação a novos valores aumenta a possibilidade de redução das margens de ambigüidades que afetam a profissão docente.

De acordo com o pensamento de Cavaco (1995, p. 189) a atividade docente está permeada de valores do nosso tempo e a condição do professor historicamente situado:

O ofício de professor conduz a pessoa, o profissional, a comprometer-se com um discurso que celebra os valores da democratização, da cooperação e da solidariedade, mas exige-lhe também que hierarquizando, selecionando, impondo a concorrência e a competição. É neste contexto social, cruzado com o seu mundo profissional, que, no nosso estudo, procuramos situar o professor do ensino secundário, considerando que aquilo que diz e que faz é mediatizado pelo seu corpo, seus afetos, seus sonhos, seus fantasmas, suas convicções.

Rios (2001), em seu livro *Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade*, fruto de uma tese de doutorado discute a competência docente, nas perspectivas técnica, política, ética e estética, promove uma reflexão sobre a prática docente de qualidade, abordando temas como o fazer/ser docente, sublinhando a história do ser docente e do aluno, uma vez que o significado de sua prática é determinado pelo mo-



mento histórico, pelo contexto cultural da sociedade de uma determinada época e lugar.

Libâneo (2000) aborda questões relativas ao campo teórico da Pedagogia, defendendo-a como uma ciência prática, na qual a prática educativa é o seu objeto de estudo, as suas relações com outros enfoques como o sociológico, psicológico e o econômico, dentre outros, no sentido de compreender a identidade profissional do pedagogo numa sociedade em mudança permanente. O autor (2000: p. 5) nos chama a atenção para a transitoriedade da história, e da sua mutabilidade ao defender a tese de que *a formação de todo educador deve ter por base a docência precisa e precisa ser entendida dentro de posicionamento localizado de intelectuais, em momentos históricos específicos da educação brasileira. Tudo que é histórico é mutável.*

A identidade do profissional de educação do presente momento recebeu influência do atual momento histórico da Educação no Brasil e no mundo, onde o movimento de reformulação dos cursos de formação de profissionais da educação se faz presente nos diferentes espaços da sociedade.

Optamos neste estudo, pela visão de identidade proposta por Codo (1999), Jacques (1998) e Ciampa (2001), dentre outros estudiosos, que, além de reconhecerem o caráter social da Psicologia Social, reivindicam que ela seja estudada numa dimensão histórico-crítica e política na constituição das pessoas e das sociedades humanas, pois, como nos diz Jacques (1998:163),

(...) Sob esta perspectiva é possível compreender a identidade pessoal como e ao mesmo tempo identidade social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias. Dito de outra forma: o indivíduo se configura ao mesmo tempo como personagem e autor – personagem de uma história que ele mesmo constrói e que, por sua vez, o vai constituindo autor.

Dessa forma, para compreender a identidade profissional do professor é necessário estudar os significados e (re)significados tanto da sua vida escolar, como da sua prática docente e de outras experiências de vida pelas quais ele passou. É preciso entender quais as condições necessárias para que ocorra o ensino-aprendizagem o que implica superar a visão de que não basta capacitar o professor, é preciso proporcionar o seu acesso ao conhecimento.

Para Ciampa (2001) a identidade é o resultado da dialética entre o processo de auto-identificação e o processo de identificação pelos outros, por isso, esse conceito encontra-se carregado de confrontos entre as semelhança e diferenças.

O conceito de identidade, no campo social, constitui-se um aspecto que não pode ser compreendido de forma isolada, visto ser um conceito interdisciplinar e que precisa, para sua compreensão, da observância da relação entre o que se é e o que não se é.

A pergunta sobre o sentido do ser humano, através do “quem sou eu?” tem se apresentado de forma persistente, principalmente no âmbito filosófico e, nesse sentido, consideramos necessário explicitar a concepção de homem que fundamenta as formulações, bem como a historicidade subjacente a esta concepção.

Para se compreender o conceito de identidade, precisa-se levar em consideração que o homem é um ser de relação e dessa forma, exige-se a concorrência de condicionamentos para ser apreendido com fidelidade, em seu caráter essencialmente relacional. Assim, a relação eu/outro, tanto de oposição quanto de contraste servirá para se afirmar a identidade.

Concordamos com Nóvoa (1995) quando afirma que é mais adequado se falar em processo identitário no sentido de se realçar a dinâmica que caracteriza a maneira como cada um sente e se diz professor, uma vez que a identidade é um espaço de lutas e de conflitos, de construção de maneiras de ser e de estar na profissão.



Nessa dimensão, é possível compreender a identidade pessoal e ao mesmo tempo a identidade social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias. Dito de outra forma: o indivíduo se configura ao mesmo tempo como personagem e autor – personagem de uma história que ele mesmo constrói e que, por sua vez, o vai constituindo autor.

### A fala dos professores

Em atividade prática, os alunos do Curso de História entrevistaram 19 professores que exercem o magistério na área. Tal atividade foi discutida e avaliada por ocasião dos encontros presenciais de Estágio e teve como objetivo uma aproximação com a profissão e os profissionais que a exercem, no sentido de compreender como estes constroem suas identidades.. Além de ser um instrumento de formação é também um modo de avaliação. Os dados coletados servem de reflexão para formadores e formandos sobre a construção da identidade docente.

No que diz respeito ao local de trabalho, as entrevistas evidenciaram que a maioria dos professores trabalham em escolas da rede pública, tanto estadual, como municipal, ficando minoria do percentual em escolas particulares.

Isso quer dizer que os profissionais da educação entrevistados estavam desempenhando suas funções em empregos públicos que oferecem maior estabilidade na carreira educativa. Desses professores, 50% da amostra, lecionam de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, sendo que menos da metade dos professores entrevistados lecionam de 1º e 2º anos do Ensino Médio, enquanto um pequeno número de professores ensinam de 1ª a 5ª série e em cursinhos pré-vestibulares.

Os dados coletados evidenciam que aproximadamente 39% dos docentes que ensinam História utilizam jornais e revistas como apoio didático, 30% adotam filmes que abor-

dem o assunto em questão, 15% utiliza retro-projetor, 15% usa somente o livro didático e 1% usa data-show. Foi possível observar que os professores de História estão buscando recursos que chamem a atenção do aluno e que desenvolvam a sua auto-crítica.

No entanto, o livro ainda é o recurso mais utilizado em sala de aula. Mesmo assim os alunos sentem dificuldade de pesquisar, talvez pela falta de incentivo da leitura. Os professores afirmam que inovam bastante, procurando contar a mesma história de maneiras diferentes, buscando a maior proximidade com a veracidade dos fatos. Por último, as entrevistas deixaram transparecer uma total falta de interesse em expandir conhecimentos, por parte dos docentes.

A reflexão que fazemos sobre esses dados é que os dezenove docentes entrevistados são formados em História. O curso de licenciatura, através dos conhecimentos pedagógicos específicos tem sua parcela de contribuição social, pelo fato dessa área direcionar todos os conhecimentos específicos para a sala de aula.

Os docentes apontaram como principais características de um bom livro de História: a credibilidade do autor como fator preponderante, a criatividade e em terceiro lugar o conteúdo do livro.

A maioria das pessoas entrevistadas comentaram gostar de ler livros, e utilizam revistas e jornais para estarem sempre atualizados.

Quando indagados sobre o desenvolvimento profissional e qualificação 60% dos entrevistados afirmaram não está no momento participando de nenhum curso de formação continuada, no entanto, almejam uma futura especialização. Em contraponto, 30% dos docentes entrevistados tem até duas especializações, entre elas Metodologia do Ensino em História, Planejamento Educacional, e um dos entrevistados tem Mestrado em Administração Escolar.





Os professores formados em História faziam questão de dar um destaque às universidades que frequentaram: 50% formado na Universidade Estadual do Ceará, 40% na Universidade Estadual Vale do Acaraú e 10% na Universidade Federal do Ceará (10%), pela contribuição que deram a sua formação acadêmica e por via de consequência a construção da sua identidade profissional.

No que concerne a relação professor aluno, os sujeitos da pesquisa afirmaram que as principais dificuldades do processo ensino-aprendizagem estão localizadas na elaboração textual e na leitura e compreensão de texto, isso pode ser evidenciado através dos altos índices de defasagem de leitura e escrita, pois 94% dos alunos têm dificuldades em interpretação de texto. O restante da amostra, ou seja, 6% dos alunos não gostam de ler, e nem têm hábito de leitura e, ainda, têm medo de falar em público.

Os professores ao serem indagados como ingressaram na profissão docente de História, o que mais se destacou foi o ingresso através de concursos. Quanto aos motivos de ingresso na profissão, afirmaram que foi por necessidade financeira e o interesse pelo emprego.

Quanto ao tempo de exercício de Magistério pode-se que 75% dos entrevistados possuem tempo superior a 5 anos, o que nos leva a interpretar que esses profissionais possuem uma larga experiência na área educacional. Os demais exercem o magistério de 2 a 4 anos.

### Considerações Finais

Ao falarmos sobre a construção da identidade docente e avaliação curricular no espaço do Estágio – enquanto prática pedagógica, vamos encontrar a união que se processa entre o professor como pessoa e o professor como profissional. A atividade com a utilização de entrevistas com a intencionalidade de formação docente vem revelar que a identidade profissio-

nal se constrói no coletivo da profissão, como nos ensina Paulo Freire, quando afirma que os homens se educam em comunidade. Sendo assim, a avaliação curricular vai contribuir para a compreensão de que a identidade docente se constrói de maneira especial no espaço de formação, mediada pela reflexão.

Pode-se perceber que a identidade desse profissional de educação apresenta duas faces da mesma moeda: a primeira condicionada por determinantes históricos; e a segunda, condicionante, em razão das atividades executadas na prática docente, uma vez que o controle do trabalho do professor depende, em grande parte, dele mesmo. (Codo, 1999).

As entrevistas revelaram, principalmente, que os professores de História, ao expressarem, seus desejos de profissionalização e de formação contínua, mostram que mesmo nas contradições e nas dificuldades acreditam na melhoria das suas condições de trabalho e de vida. Querem ser reconhecidos e valorizados e se ressentem da falta de uma política de formação contínua, que dê suporte para seu desempenho pedagógico..

Acreditamos que atividades como as entrevistas que desenvolvemos ensinam ainda que os estagiários professores podem fazer do Estágio um campo de pesquisa.

### Referências Bibliográficas

CAVACO, M<sup>a</sup> Helena. *O ofício do professor: o tempo e as mudanças*. In: NÓVOA, Antonio (org.) *Profissão Professor*. 2<sup>a</sup> edição. Portugal, Porto Editora, 1995.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CODO Wanderley. (Coord.) *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes/ Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.



CODO, Wanderley e GAZOTTI, Andréa Alessandra. *Trabalho e Afetividade*. In: CODO, Wanderley (Coord.) *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes/ Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

JACQUES, M<sup>a</sup> das Graças Corrêa. *Identidade*. In: STERY, Marlene N. JACQUES, M<sup>a</sup> das Graças Corrêa, BERNADES Nara M<sup>a</sup> Guazzelli. GUARESCHI, Pedrinho A., CARLOS, Sérgio A., FONSECA, Tânia M. G. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIBÃNEO, José Carlos. *Pedagogos e Pedagogas, para quê?* 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, Antonio (org.) *Profissão Professor*. 2<sup>a</sup> ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vidas de Professores*. 2<sup>a</sup> ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Compreender e Ensinar: por uma docência de melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Pedro. *A Avaliação Curricular*. In: ESTRELA, Albano; NÓVOA, Antonio. *Avaliação em Educação: Novas Perspectivas*. Porto Codex-Portugal, Porto Editora, 1993. P. 15-76